



DOSSIÊ - TEMAS DE MARIOLOGIA

A protomariologia paulina: "Nascido de mulher" (Gl 4,4-5)*The pauline protomariology: "Born of woman" (Gal 4,4-5)**La protomariología paulina: "Nacido de mujer" (Gál 4,4-5)***Waldecir Gonzaga¹**orcid.org/0000-0001-5929-382X
waldecir@hotmail.com**Wellington Cristiano da
Silva²**orcid.org/0009-0000-1020-5032
welli_83@yahoo.com.br**Recebido em:** 29 abr. 2024.**Aprovado em:** 23 maio 2024.**Publicado em:** 02 out. 2024.

Resumo: O presente artigo oferece uma análise mariológica de Gl 4,4-5 e busca ressaltar suas contribuições para a fundamentação da fé cristã. Em Gl 4,4-5, encontra-se a mais antiga referência bíblica à mãe de Jesus. Sem mencionar seu nome, o "apóstolo dos gentios" (Rm 11,13) refere-se a Maria de Nazaré no contexto da encarnação do Filho de Deus. A expressão paulina "nascido de mulher" (Gl 4,4) remete à condição humana, em sua precariedade e fragilidade, assumida pelo Filho de Deus. A expressão "nascido sob a lei" (Gl 4,4), por sua vez, indica a origem étnica de Jesus: Ele é filho de uma mulher judia. Gl 4,4-5 serviu de base para as futuras elaborações mariológicas. Os Padres da Igreja recorrem a essa referência paulina para responder às correntes gnósticas e ao nestorianismo. A Carta aos Gálatas indica, indiretamente, a maternidade divina de Maria e a sua colaboração na história da salvação. A mariologia de Paulo é bastante sóbria e, estritamente, cristocêntrica. A análise dessa protomariologia leva à redescoberta dos fundamentos primeiros da mariologia bíblica e sistemática. O artigo, por meio de uma análise narrativa, em um primeiro momento, trata sobre o mistério da encarnação no *corpus paulinum* e analisa a estrutura quiástica de Gl 4,4-5. Em seguida, aprofunda a compreensão das expressões "nascido de mulher" e "nascido sob a lei", destaca a importância de Gl 4,4-5, enquanto resposta antecipada ao docetismo e ao nestorianismo, e, por fim, sugere, em Paulo, uma mariologia bíblica elementar.

Palavras-chave: Mariologia, Encarnação, Gálatas, Maternidade Divina, Adoção filial.

Abstract: This article makes a mariological analysis of Galatians 4:4-5 and seeks to highlight their contributions to the foundation of the christian faith. The oldest biblical reference to Jesus' mother is found in Gal 4:4-5. The "apostle of the gentiles" (Rom 11:13) refers to Mary of Nazareth in the context of the incarnation of Son of God, without mentioning her name. The pauline expression "born of woman" (Gal 4:4) refers to the precarious and fragile human condition assumed by the Son of God. The expression "born under the law" (Gal 4:4) indicates Jesus' ethnic origin. He is the son of a jewish woman. Galatians 4:4-5 served as the basis for future mariological elaborations. The Church Fathers resort to this pauline reference to answer to gnostic currents and nestorianism. The Letter to the Galatians indicates Mary's divine motherhood and her collaboration in the history of salvation indirectly. Paul's mariology is quite sober and strictly christocentric. The analysis of this protomariology leads to the rediscovery of the first foundations of biblical and systematic mariology. Initially, the article deals with the mystery of the incarnation in the *corpus paulinum* and analyzes the chiasmic structure of Gal 4:4-5. Then, it delves into the expressions "born of woman" and "born under the law" and highlights the importance of Galatians as an early response to docetism and nestorianism. Finally, it suggests in Paul an elementary biblical mariology.

Keywords: Mariology, Incarnation, Galatians, Divine Motherhood, Filial Adoption.

Resumen: Este artículo ofrece un análisis mariológico de Gál 4,4-5 y pretende destacar sus aportaciones a la fundación de la fe cristiana. La más antigua



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

referencia bíblica a la madre de Jesús se encuentra en Gál 4,4-5. Sin mencionar su nombre, el "apóstol de los gentiles" (Rom 11,13) se refiere a María de Nazaret en el contexto de la encarnación del Hijo de Dios. La expresión paulina "nacido de mujer" (Gál 4,4) se refiere a la condición humana, en su precariedad y fragilidad, asumida por el Hijo de Dios. La expresión "nacido bajo la ley" (Gál 4,4), a su vez, indica el origen étnico de Jesús: es hijo de una mujer judía. Gál 4,4-5 sirvió de base para futuras elaboraciones mariológicas. Los Padres de la Iglesia utilizan esta referencia paulina para responder a las corrientes gnósticas y al nestorianismo. La Carta a los Gálatas indica indirectamente la maternidad divina de María y su colaboración en la historia de la salvación. La mariología de Pablo es muy sobria y estrictamente cristocéntrica. El análisis de esta protomariología conduce al redescubrimiento de los fundamentos originales de la mariología bíblica y sistemática. El artículo, mediante un análisis narrativo, aborda en primer lugar el misterio de la encarnación en el *corpus paulinum* y analiza la estructura quiástica de Gál 4,4-5. A continuación, profundiza en la comprensión de las expresiones "nacido de mujer" y "nacido bajo la ley", subraya la importancia de Gál 4,4-5 como respuesta temprana al docetismo y al nestorianismo. Por último, sugiere una mariología bíblica elemental en Pablo.

Palabras claves: Mariología, Encarnación, Gálatas, Maternidad divina, Adopción filial.

Introdução

A mais antiga referência bíblica neotestamentária à Virgem Maria encontra-se na Carta de Paulo aos Gálatas, uma das sete cartas protopaulinas e/ou autenticamente paulinas (Gonzaga, 2017). O "Apóstolo dos gentios" (Rm 11,13), sem citar o nome de Maria, alude, indiretamente, à pessoa da mãe de Jesus: "Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial" (Gl 4,4-5).

Em uma primeira análise, Gl 4,4-5 parece ser um texto sem muita relevância para a mariologia bíblica e sistemática. Todavia, além de ser o testemunho bíblico neotestamentário mais antigo sobre Maria de Nazaré, esse texto também serviu como alicerce para toda composição e reflexão posterior da mariologia. A importância desse texto paulino é indiscutível. Basta lembrar que a *Lumen Gentium*³ abre a sua exposição sobre a

Virgem Maria citando Gl 4,4-5 e que o Papa João Paulo II, na *Redemptoris Mater*⁴, retoma as mesmas palavras na abertura de sua carta encíclica.

A menção a Maria na Carta aos Gálatas é única nos escritos paulinos. Todavia, não é um texto periférico para os estudos mariológicos. Paulo oferece, em Gl 4,4-5, a matéria-prima, o conteúdo primordial da teologia marial. Cabe, portanto, re-visitado o texto paulino, por meio de uma pesquisa mais acurada, para redescobrir as riquezas dessa protomariologia paulina.

Tratando-se de um texto sobre a origem de Jesus, a pesquisa, em um primeiro momento, apresenta o mistério da encarnação do Filho de Deus nos escritos paulinos e sua relação com a cristologia da concepção virginal; em seguida, analisa a estrutura linguística e a composição quiástica de Gl 4,4-5; com essa base teórica, reflete-se acerca das contribuições de Paulo para a mariologia bíblica e sistemática.

O mistério da encarnação no *corpus paulinum*

A mensagem principal do chamado *corpus paulinum* é o anúncio de Cristo morto e ressuscitado. Paulo detém-se ao mistério central da fé cristã, a saber, o mistério pascal: "se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé" (1 Cor 15,14). A ressurreição daquele que foi "suspenso ao madeiro" (Gl 3,13) é o evento fundante da fé cristã e, por conseguinte, o anúncio primeiro a ser divulgado.

Paulo não traz, em seus escritos, muitas referências a respeito da vida de Jesus, sua família e seu ministério público. Isso, contudo, não significa que ele não tenha conhecimento dessas informações, mas que não foi objeto primeiro de suas cartas. Por outro lado, mesmo não falando acerca do nascimento de Jesus, ele não deixa de referir-se à sua origem, ao mistério de sua encarnação.

³ "Querendo Deus, na Sua infinita benignidade e sabedoria, levar a cabo a redenção do mundo, 'quando se completou o tempo previsto, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher [...], e todos recebemos a dignidade de filhos' (Gl 4,4-5)" (LG, n. 52).

⁴ "A Mãe do Redentor tem um lugar bem preciso no plano da salvação, porque, 'quando se completou o tempo previsto, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à Lei, para resgatar os que eram sujeitos à Lei, e todos recebermos a dignidade de filhos. E a prova de que sois filhos é que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: 'Abá! Pai!' (Gl 4,4-6)" (RM, n. 1).

Em Paulo, a questão do nascimento de Jesus não desempenha, ainda, nenhum papel teológico; sua fé se desenvolve inteiramente a partir da profissão de fé na cruz e na ressurreição. Apenas em uma passagem se permite fixar um prelúdio longínquo daquela afirmação que será, então, transmitida expressamente nos relatos de Mateus e Lucas sobre a infância. Quando, em Gl 4,4, Paulo afirma que Jesus "nasceu de uma mulher", quer simplesmente afirmar que Jesus participou dos aspectos normais do "ser homem", que ele assumiu plenamente a "*condition humaine*" (Ratzinger, 2013, p. 29).

Ao falar da dupla origem de Jesus, divina e humana, Paulo tem em mente a doutrina da preexistência do Filho de Deus. Essa cristologia da preexistência está presente, igualmente, nos escritos joaninos. João fala da encarnação do Verbo de Deus (Jo 1,14), que já existia em Deus: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus" (Jo 1,1-2). Fala, ainda, da entrega e do envio do Filho ao mundo por parte do Pai (Jo 3,16-17).

Paulo, na Carta aos Filipenses (Fl 2,6), assinala o despojamento do Filho de Deus, que, "estando na forma de Deus" (Gonzaga; Silva Júnior, 2023), tornou-se semelhante aos homens (Fl 2,7). Na Carta aos Colossenses, afirma que Cristo "é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas [...] É antes de tudo e tudo nele subsiste" (Cl 1,15-16.17). A Carta aos Efésios assegura que, em Cristo, Deus "nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor" (Ef 1,4). Estas referências – além da mencionada citação de Gálatas 4,4 – já são o suficiente para compreender o pensamento de Paulo quanto à encarnação e à preexistência do Filho de Deus. Segundo González (1990, p. 225), "o uso do verbo *expésteilen* ('enviou-desde' e não simplesmente 'enviou'), [...] indica a preexistência do Filho".

A concepção virginal

Mateus (Mt 1) e Lucas (Lc 1) não falam diretamente de uma preexistência de Jesus Cristo, a exemplo do Prólogo de João (Jo 1,1-18), e o Evangelho de Marcos (Mc 1,1) inicia afirmando que se trata da "boa-nova de Jesus Cristo, o Filho de Deus". Mateus e Lucas desenvolvem uma cristologia da origem de Jesus com base na doutrina da concepção virginal, que, em Paulo, não é mencionada e nem é uma preocupação paulina, visto que isso lhe era conhecido e não é o objetivo desta sua carta.

A concepção virginal refere-se à intervenção divina na concepção de Jesus no ventre da Virgem Maria. Jesus foi concebido por obra do Espírito Santo, sem a participação de pai humano, ou seja, sem sêmen humano: "O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus" (Lc 1,35)⁵. O que o Espírito Santo realiza é uma nova criação, "que todavia está ligada ao 'sim' livre da pessoa humana de Maria" (Ratzinger, 2016, p. 52). O Espírito Santo age, em Maria, de forma criativa, não procriativa. "A concepção de Jesus é criação nova e não procriação de Deus. Deus não se torna o pai biológico de Jesus" (Ratzinger, 2015, p. 203).

Justino de Roma (33,3), partindo da profecia de Isaias (Is 7,14), esclarece que a concepção virginal difere, essencialmente, da origem lendária dos semideuses pagãos:

Esclareçamos agora as palavras da profecia para que, por não entendê-las, objetem o mesmo que nós dizemos contra os poetas, quando nos falamos de Zeus que, para satisfazer sua paixão libidinosa, uniu-se com diversas mulheres.

E, conseqüentemente, reafirma a crença na concepção virginal:

Portanto, "Eis que uma virgem conceberá" significa que a concepção seria sem relação carnal, pois, se esta houvesse, ela não mais

⁵ No Evangelho de Mateus (Mt 1,18.20), tem-se: "A origem de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, comprometida em casamento com José, antes que coabitassem, achou-se grávida pelo Espírito Santo. [...] eis que o anjo do Senhor se manifestou a ele em sonho, dizendo: 'José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo'. Segundo Charles Perrot (1982, p. 104), "o reconhecimento de Jesus como Filho de Deus e o tema da concepção virginal estão indissolúvelmente ligados entre si, pelo menos em Mateus e Lucas".

seria virgem; mas foi a força de Deus que veio sobre a virgem e a cobriu com a sua sombra e fez com que ela concebesse permanecendo virgem (Justino de Roma, 33,4).

A crença na concepção virginal sofreu uma série de acusações, tanto nos primeiros séculos da Igreja, por parte de judeus e pagãos, principalmente, do anticristão Celso, como também na modernidade, por parte das vertentes racionalistas. Celso afirmava que Jesus teria "nascido de adultério entre Pantera e a Virgem" (Orígenes, 2004, I,33). Orígenes (2004, I,32) dirá que as acusações de ilegitimidade por parte de Celso não passavam de uma fábula forjada cegamente para negar a concepção milagrosa pelo Espírito Santo.

A especificação do suposto adultério com um soldado romano chamado Pantera provavelmente derivou, em primeiro lugar, da lembrança dos legionários sírios que haviam sufocado uma revolta em Séforis, perto de Nazaré, aproximadamente na época em que Jesus nasceu, e, em segundo, do nome legionário comum Panthera ("a pantera"), como um trocadilho sarcástico com parthenos, o termo grego correspondente a "virgem" (Borg; Crossan, 2008, p. 129).

Na modernidade, correntes iluministas e racionalistas combateram o caráter histórico da revelação e negaram a intervenção de Deus na história, isto é, a providência divina. Alguns teólogos afirmaram que a concepção virginal não passaria de um *teologúmeno*, uma fábula ou mito. Entretanto, o que está por detrás da narrativa da concepção virginal, presente nos Evangelhos, é um dos fundamentos da cristologia. Segundo Brown (1987, p. 33):

Mateus e Lucas interessam-se pela concepção virginal como sinal da predileção e graças divinas e como expressão da compreensão cristológica de que Jesus era Filho de Deus ou o Messias davídico desde o nascimento.

Inácio de Antioquia (2008a, *Aos Efésios*,19,1) compreendia a concepção virginal enquanto mistério divino, ou seja, uma obra realizada no silêncio de Deus: "Ao príncipe deste mundo ficou escondida a virgindade de Maria, seu parto, e igualmente a morte do Senhor. Três mistérios retumbantes, que foram realizados no silêncio

de Deus".

1.2 A cristologia da preexistência e a cristologia da concepção virginal

A teologia da preexistência e a teologia da concepção virginal são elaborações teológicas distintas no corpo dos escritos neotestamentários. Possivelmente, são de fontes diferentes, mas não contraditórias nem excludentes ou inconciliáveis.

A cristologia da concepção e a cristologia da preexistência foram duas respostas diferentes ao adocionismo. De acordo com a primeira, a ação criadora divina na concepção (atestada negativamente pela ausência de paternidade humana) gera Jesus como Filho de Deus. Nesse caso, a filiação divina claramente não é adotiva, mas não há a hipótese de encarnação, pela qual uma personagem que antes estava com Deus reveste-se de carne. O pensamento encarnativo é indicador da cristologia da preexistência ("despojou-se, assumindo a forma de escravo"; "a Palavra se fez carne") (Brown, 2005, p. 168).

Segundo Fitzmyer (1985, p. 44), a cristologia da "pré-existência e a concepção virginal em nenhum lugar do Novo Testamento estão unidas, e em parte alguma se encontra a afirmação de que uma exige a outra". A junção dessas teologias será feita posteriormente.

Brown (2005, p. 169) enfatiza a diferença entre a cristologia da concepção virginal e a cristologia da preexistência e lembra que "a teologia cristológica harmonizou as duas ideias, produzindo a declaração de que a Palavra de Deus preexistente se fez carne (João) no ventre da virgem Maria (Mateus e Lucas)". Indubitavelmente, a teologia da preexistência unida à doutrina da concepção virginal fortalece a compreensão do mistério da origem divina e humana de Jesus, Filho de Deus e filho de Maria.

A estrutura quiástica de Gl 4,4-5

Antes de propor uma interpretação mariológica de Gl 4,4-5, é mister analisar os elementos linguísticos e a estrutura que compõem esse texto paulino. Conforme tabela abaixo, é possível perceber uma construção e composição quiástica de Gl 4,4-5 (letras c, d, e, f), que começa apresen-

tando o tempo (letra a) e a ação divina do envio do Filho (letra b). Em seguida, estão as modalidades: "nascido de mulher" (letra c) e "nascido sob a lei" (letra d); e as finalidades: "a fim de libertar da lei"

(letra e) e "conceder a adoção filial" (letra f). É nitido o paralelismo entre as modalidades (c-d) e as finalidades (e-f): a mulher e a lei, a libertação da lei e a adoção filial (Gonzaga, 2019).

QUADRO 1 – Texto grego da NA28

a) ὅτε δὲ ἦλθεν τὸ πλήρωμα τοῦ χρόνου,	⁴Quando, porém, veio a plenitude do tempo,
b) ἐξαπέστειλεν ὁ θεὸς τὸν υἱὸν αὐτοῦ,	enviou Deus o seu Filho,
c) γενόμενον ἐκ γυναικός,	nascido de mulher,
d) γενόμενον ὑπὸ νόμον,	nascido sob a lei,
e) ἵνα τοὺς ὑπὸ νόμον ἐξαγοράσῃ,	⁵a fim de resgatar os que estavam sob a lei,
f) ἵνα τὴν υἰοθεσίαν ἀπολάβωμεν.	a fim de que recebêssemos a adoção de filhos.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Tratando-se de um quiasmo, tem-se, portanto, quatro ideias que se correspondem duas a duas, de forma cruzada, formando duas afirmações antitéticas. Assim, resultam as proposições: Jesus "nasceu sob a lei" (d) para libertar os que estavam "sob a lei" (e); "nasceu de mulher" (c) a fim de que recebêssemos a "adoção filial" (f) (Autran, 1998; Fitzmyer, 1985). As frases conjugadas remetem a uma condição histórico-temporal de Jesus e resultam em uma finalidade conclusiva: "nascido de mulher" e "sob a lei" para que recebêssemos a "adoção filial" e para resgatar os que estavam "sob a lei". Conforme a análise estrutural apresentada por Bruno Forte (1991, p. 46):

É possível distinguir na estrutura literária do texto três seções: ao chamado para a ação divina do envio do Filho (a) segue-se a indicação da modalidade (b¹: "nascido de mulher" – b²: "nascido sob a lei") e da sua finalidade (c¹: "para redimir os que estavam sob a lei" – c²: "a fim de que recebêssemos a adoção filial"). Não é difícil mostrar os nexos entre esses componentes estruturais: b¹ e b² estão em evidente paralelismo (introduzidos ambos pelo participio do aoristo *genómenon*), como também c¹ e c² (ambos pela preposição final *hina*). Em correlação antitética estão b² e c¹ ("nascido *sob* a lei, para redimir os que estavam *sob* a lei") e b¹ e c² ("nascido de mulher": abaixamento – "a fim de que recebêssemos a adoção filial": elevação). Enfim, entre a e c² existe relação que revela o dinamismo de todo o texto: "Deus enviou o seu Filho... a fim de que recebêssemos a adoção filial".

comentário sobre Gl 4,4-5, menciona duas causas e benefícios da encarnação do Filho de Deus: a libertação dos males e a concessão de bens. "Mas, afinal, quais eram? Libertar da maldição da Lei, e adotar como filhos".

O quiasmo paulino presente em Gl 4,4-5, "interligando suas partes simétricas entre si, por meio de palavras e personagens", torna-se importante para a compreensão do raciocínio do apóstolo dos gentios, "pois estas partes simétricas se esclarecem reciprocamente: aquele que nasceu de mulher, e sob a lei, nos faz nascer como filhos de Deus" (Gonzaga, 2019, p. 1208).

Esse paralelismo paulino estabelece uma relação de oposição entre as frases interligadas. Trata-se, portanto, de uma estrutura linguística paradoxal. Assim, "aquele que nasce sob a lei redime da lei; aquele que vem em estado de humilhação eleva o homem à condição de filiação divina" (Forte, 1991, p. 46) isto é, a um estado de glorificação (Serra, 1995c).

Se a segunda modalidade realça a submissão do Filho de Deus "γενόμενον ὑπὸ νόμον/nascido sob a lei", é óbvio que a primeira modalidade não poderia ir noutra direção. Não há outra forma de que nascendo sob a lei não seja nascido de mulher. Neste sentido, o texto vai acentuar igualmente o abaixamento do Filho de Deus ao mesmo nível dos homens: "γενόμενον ἐκ γυναικός/nascido de mulher" (Gonzaga, 2019, p. 1209).

Nesse sentido, João Crisóstomo (4,4), em seu

Importante destacar, igualmente, o paradoxo que aparece entre a segunda modalidade – “nascido sob a lei” (γενόμενον ὑπὸ νόμον: Gl 4,4) – e a primeira finalidade – “a fim de resgatar os que estavam sob a lei” (ἵνα τοὺς ὑπὸ νόμον ἐξαγοράσῃ: Gl 4,5). A expressão “ὑπὸ νόμον/sob a lei” interliga a segunda modalidade à primeira finalidade e “revela a submissão tanto do Filho de Deus como dos demais filhos de Deus, mas num movimento de submissão do Filho de Deus em virtude do resgate dos demais filhos de Deus” (Gonzaga, 2019, p. 1209).

De uma condição gloriosa do Filho de Deus, ele passa para uma situação de submissão. Essa passagem deve-se ao resgate dos demais filhos de Deus. Esse movimento de descida ou submissão esclarece a relação e a analogia existentes entre a primeira modalidade – “nascido de mulher” (γενόμενον ἐκ γυναικός) – e a segunda finalidade – “a fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (ἵνα τὴν υἰοθεσίαν ἀπολάβωμεν). A parte introdutória do texto – “Deus enviou seu Filho” (ἐξαπέστειλεν ὁ θεὸς τὸν υἱὸν αὐτοῦ) também está interliga à parte conclusiva – “a fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (ἵνα τὴν υἰοθεσίαν ἀπολάβωμεν). Assim, compreende-se que o envio do Filho da parte do Pai tem como objetivo divino conceder ao ser humano a adoção filial (Gonzaga, 2019).

Seguindo a interpretação quiástica de Gl 4,4-5, conclui-se que, em Maria, torna-se possível a filiação divina concedida por Deus ao ser humano, por intervenção e ação divinas em prol da humanidade. “Assim, o Filho, que ‘nasce sob a Lei para redimir da lei’, faz-se igualmente ‘filho de uma mulher’, com o fim de fazer do ser humano ‘filho de Deus’” (Boff, 2009, p. 39).

“Nascido de mulher” (Gl 4,4): o fundamento primeiro da mariologia

A Carta aos Gálatas: breve contextualização

A Carta de Paulo aos Gálatas não é dirigida a uma única comunidade. Refere-se a “um texto que Paulo escreveu entre os anos 54-57 d.C., enviado a diversas comunidades da Galácia, com seus problemas concretos” (Gonzaga, 2019, p. 1195). Nela, Paulo traz uma resposta aos judaizantes⁶ que ensinavam a necessidade da observância da lei de Moisés, como a circuncisão. Àqueles que estavam perturbando e corrompendo o Evangelho de Cristo (Gl 1,7), Paulo defende a justificação pela fé em Jesus e não pelas obras da lei (Gl 2,16)⁷. Para ele, “só a fé em Jesus Cristo torna possível a justa relação com Deus para se obter a salvação final” (Fabris, 2006, p. 440). É nesse contexto que Paulo irá fazer uma breve alusão à mãe de Jesus.

Maria na plenitude do tempo

Em Gl 4,4, Paulo coincide a chegada da plenitude do tempo com o envio do Filho de Deus por parte do Pai. “Isso supõe, como consequência, que o Filho enviado por Deus seja preexistente como ‘Filho do Pai’” (Serra, 1995b, p. 776). Enviado do Pai, o Filho assume a condição humana, nascendo de uma mulher.

A mãe do Filho de Deus está inserida no *pléroma*, isto é, na plenitude do tempo. “Maria pertence ‘à plenitude dos tempos’ (Gl 4,4), como a mãe que insere o Filho de Deus na estirpe humana e na história” (Fiores, 2013, p. 25). Ela é testemunha da chegada dos tempos messiânicos. Na alegre expectativa da vinda do Senhor, essa “mulher”

⁶ Embora o Novo Testamento não conheça a palavra judaizantes, “a ação desse grupo é forte no tempo de Paulo. Os judaizantes eram cristãos de origem judaica que defendiam a necessidade da circuncisão também para os não judeus convertidos ao cristianismo como condição para se alcançar a salvação” (Bortolini, 2019, p. 102). Os judaizantes parecem seguir de perto o apóstolo dos gentios. Eles “semeiam a perturbação nas comunidades por ele fundadas e procuram atrair para Israel os gentios convertidos” (Cothenet, 1985, p. 81). Para Murphy-O’Connor (2004, p. 204), “quando chegaram à Galácia, os judaizantes tinham duas tarefas. Primeiro, abalar a autoridade de Paulo. Não bastava dizer que estavam assumindo o comando. Precisavam desacreditá-lo. Segundo, explicar sua versão do cristianismo com clareza e força. Não podiam simplesmente dizer que Paulo estava errado. Tinham de propor uma alternativa viável”.

⁷ Na Carta aos Gálatas, liberdade e unidade são temas fundamentais desenvolvidos por Paulo. “Sua carta é endereçada aos cristãos cuja preocupação em manter a lei dividia suas Igrejas conforme a raça e separava judeus dos gentios. Tais divisões eram intoleráveis porque ‘não há mais nem judeu nem grego; já não há mais nem escravo nem homem livre, já não há mais o homem e a mulher; pois todos vós sois um só em Jesus Cristo’ (Gl 3,28). Essa nova unidade [...] baseia-se na ‘verdade do Evangelho’ (Gl 2,5); Cristo foi crucificado para nos libertar da maldição da lei, para que recebêssemos seu Espírito (Gl 3,13-14)” (Hansen, 2008, p. 579).

vive os tempos escatológicos, o momento do cumprimento das promessas feitas a seus antepassados (Lc 1,55), ao povo de Israel.

Em seus conteúdos, Gl 4,4 quer, pois, testemunhar a reviravolta da história, o novo início do mundo realizado pelo envio do Filho: a referência à mulher da qual ele nasceu, na sóbria acentuação da verdadeira pertinência dele ao humilde mundo dos homens, marcados pela espera, coloca também a mulher no lugar mais próximo do cumprimento escatológico como a criatura mais próxima do coração do mistério, do "centro escatológico" da história (Forte, 1991, p. 45).

O anonimato de Maria

Paulo não cita o nome da mãe do Filho de Deus. Esta informação é dada por escritores posteriores. A primeira referência ao nome de Maria é oferecida por Marcos (Mc 6,3). No entanto, João, o último dos Evangelhos Canônicos, não faz menção ao nome da mãe do Filho de Deus. Usa as expressões "mãe de Jesus" (Jo 2,1,3), "sua mãe" (Jo 2,5,12; 19,25-26) e "mulher" (Jo 2,4; 19,26) para referir-se a Maria. Por conseguinte, não se pode deduzir, a partir de Gl 4,4, que Paulo desconheça o nome da mãe de Jesus. Pelo contrário, é muito provável que ele tenha conhecimento da identidade de Maria, mesmo sem mencionar o seu nome.

A condição humana do Filho de Deus e a maternidade de Maria

A expressão "nascido de mulher" (Gl 4,4), bastante presente na língua judaica, indica a condição humana assumida pelo Filho de Deus, o mistério de sua encarnação.

A frase *genomenon ek gynaikos*, "nascido de uma mulher" é uma expressão muito usada no Judaísmo para designar a condição humana de alguém. Assemelha-se ao texto de Jó 14,1: "' *ādām yēlūd iššāh*, 'um ser humano' (que) nasceu de uma mulher..." (cf. Jó 15,14; 25,4). Essa expressão se encontra no mesmo sentido no Novo Testamento, aplicada a João Batista, *en gennētois gynaikōn*, "entre os nascidos de mulher" (Mt 11,11; Lc 7,28). Como expressão semítica encontra-se ainda na literatura de Qumrã, na Palestina (Fitzmyer, 1985, p. 53)⁸.

Nesse sentido, "nascido de mulher" (Gl 4,4) estaria ressaltando a vulnerabilidade e a fragilidade da vida humana. O Filho de Deus, se submetendo, por amor e obediência ao Pai, à precariedade da existência humana, tornando-se semelhante ao ser humano, vem ao mundo para salvar, resgatar, libertar a humanidade.

A designação paulina "nascido de mulher" (Gl 4,4) é, igualmente, uma manifestação da *kenosis* de Jesus. Ser filho de Maria era mais uma forma de ressaltar a humilhação de Cristo⁹, tão enfatizada por Paulo na Carta aos Filipenses:

[Cristo Jesus,] estando na forma de Deus, não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz (Fl 2,6-8).

A citação a Maria, de Gl 4,4, "é uma referência a ela simplesmente como mãe, na sua função materna de gerar Jesus e de trazê-lo ao mundo" (Fitzmyer, 1985, p. 54). Refere-se, portanto, à participação de Maria no mistério da encarnação do Filho de Deus. Essa é, por sua vez, a afirmação basilar de toda a mariologia: a maternidade de Maria. Tudo o que se dirá sobre Maria parte de sua maternidade.

⁸ Em Jó 14,1, tem-se: "O homem, nascido de mulher, tem a vida curta e cheia de tormentos". Ainda, no livro de Jó, há outras passagens que fazem o uso da expressão nascido de mulher: "Como pode o homem ser puro ou inocente o nascido de mulher?" (Jó 15,14); "Como pode o homem justificar-se diante de Deus? Ou mostrar-se puro quem nasceu de mulher?" (Jó 25,4). Em Mateus 11,11, encontra-se a expressão nascido de mulher aplicada a João Batista: "Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o Batista". E tem-se, também, a versão lucana: "Digo-vos que dentre os nascidos de mulher não há maior do que João" (Lc 7,28).

⁹ Irineu de Lião (2009, III, 22,2), ao refletir acerca da real encarnação do Filho de Deus, citando Gl 4,4, usa a expressão "descida em Maria". Irineu de Lião (2009, III, 22,2), ao mencionar o envio do Filho, fala da descida do Filho de Deus em Maria para reforçar a *kenosis* de Jesus, a sua encarnação: "pois para que desceria nela [em Maria] se não devia receber nada dela? Se não tivesse recebido nada de Maria então nunca teria tomado alimentos terrenos com os quais se alimenta um corpo tirado da terra; após o jejum de quarenta dias, como Moisés e Elias, seu corpo não teria experimentado a fome e não teria procurado alimento; João, seu discípulo, não teria escrito: 'Jesus, cansado pela caminhada, estava sentado'; nem Davi teria dito dele: 'E acrescentaram sofrimento à dor das minhas feridas'; não teria chorado sobre o túmulo de Lázaro; não suaria gotas de sangue, nem teria dito: 'A minha alma está triste'; e de seu lado transpassado não teriam saído sangue e água. Tudo isso são sinais da carne tirada da terra, que recapitulou em si, salvando a obra de suas mãos".

Para Paulo, antes desta encarnação, éramos como pessoas escravas dominadas pela letra da lei e do mundo; agora, fomos libertos(as) e nos tornamos filhos e filhas, herdeiros e herdeiras que podem chamar Deus carinhosamente de "paizinho" (*Abba*), assim como Jesus também o fizera. Essa libertação "na plenitude do tempo" aconteceu porque Deus enviou seu Filho, "nascido de mulher, nascido sob a lei". A encarnação se dá por meio do corpo de mulher, por meio de gestação e parto, conforme a lei e os costumes vigentes dentro das relações de pertencimento ao povo judaico e num determinado contexto histórico-político (Reimer, 2013, p. 16).

O interesse pela pessoa de Jesus levará os primeiros cristãos a procurar informações sobre suas origens. Nessa busca, encontrarão referências à sua mãe. Todavia, a missão de Maria não se reduz à sua maternidade, porém, tem nela, a sua maior expressão. Lucas e João deixarão claro que Maria, além de mãe, também se tornou discípula de Jesus, sua seguidora, e modelo de discipulado para as gerações futuras.

"Nascido sob a lei" (Gl 4,4): Jesus, filho da mulher livre

Sequente à expressão "nascido de mulher" (Gl 4,4) está a expressão "nascido sob a lei" (Gl 4,4). A menção à lei reporta à origem étnica de Jesus. Ele é um israelita, um filho de mulher judia. Na Carta aos Romanos (Rm 9,5), Paulo afirma que dos israelitas "descende o Cristo, segundo a carne". E vai mais longe ao afirmar que Jesus é "nascido da estirpe de Davi segundo a carne" (Rm 1,3).

A filiação davídica é um dado bíblico bastante caro aos Evangelhos da Infância. Tanto Mateus como Lucas fazem menção à filiação davídica associada ao relato do anúncio do nascimento de Jesus e à sua concepção virginal: em Mateus, a filiação davídica de Jesus é garantida por José, um filho de Davi (Mt 1,20); em Lucas, Jesus é designado herdeiro do trono de Davi, seu pai (Lc 1,32), por meio de Maria.

Jesus, "nascido sob a lei" (Gl 4,4), foi enviado pelo Pai, para libertar o ser humano da escravidão da lei: "É para liberdade que Cristo nos libertou" (Gl 5,1) (Gonzaga; Schuster, 2023). A Carta de Paulo aos Gálatas é a carta magna da liberdade cristã (Bover, 1926; Burgos Núñez, 2001; Marín,

1979). Somente uma fé livre é capaz de abraçar a gratuidade da salvação dada por Cristo. A justificação não é autojustificação, mas graça e livre iniciativa de Deus. Se a prática das obras fosse capaz de salvar o ser humano, Cristo teria morrido inutilmente: "Não invalido a graça de Deus; porque, se é pela Lei que vem a justiça, então Cristo morreu em vão" (Gl 2,21).

Para Paulo, o ser humano, pela fé em Jesus Cristo, não é mais escravo (Gl 4,7), mas filho de Deus (Gl 3,26), e n'Ele, pelo Batismo, todos têm a mesma dignidade (Gl 3,27-28). O apóstolo desenvolve uma reflexão acerca da filiação com base nas Escrituras. Ele retoma a história do patriarca Abraão e de seus dois filhos: Ismael, filho da escrava, e Isaac, filho da mulher livre.

Elas, com efeito, são as duas alianças; uma, a do monte Sinai, gerando para a escravidão: é Agar (porque o Sinai está na Arábia), e ela corresponde à Jerusalém de agora, que de fato é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém do alto é livre e esta é a nossa mãe [...]. Ora, vós, irmãos, como Isaac, sois filhos da promessa (Gl 4,24-26.28).

Paulo, de maneira alegórica (Gl 4,24), ao falar de Agar e Sara, faz um paralelo entre o filho da escrava e o filho da mulher livre. "O filho da escrava nasceu segundo a natureza (*κατα σαρκα γεγεννηται*), e o filho da livre nasceu mediante a promessa (*δια της επαγγελιας*, Gl 4,23-24)" (Paredes, 2011, p. 396). Os judeus, assim como Ismael, são considerados filhos da escrava. Os que aderiram a Cristo, por sua vez, são como Isaac, isto é, filhos da mulher livre: "Portanto, irmãos, não somos filhos de serva, mas de livre" (Gl 4,31).

Livre, em Cristo Jesus, o ser humano torna-se herdeiro da promessa (Gl 4,7) e recebe a filiação adotiva. Todavia, "o Filho de Deus por excelência é Jesus. Ele nasceu como filho da Promessa, culminação total da Aliança de Deus com Abraão. É filho da mulher livre, não da mulher escrava" (Paredes, 2011, p. 396).

Resgatando a figura de Sara e de sua maternidade espiritual, Paulo abre um futuro caminho para o aprofundamento da maternidade universal de Maria. "Nessa passagem, onde Sara é descrita como modelo e mãe dos fiéis, ele prepara o ter-

reno para uma apresentação posterior de Maria como mãe de todos os fiéis" (Coyle, 2012, p. 72).

Gl 4,4: uma resposta antecipada ao docetismo e ao nestorianismo

Os Padres da Igreja, já nos primeiros séculos, depararam-se com correntes teológicas que negavam a humanidade do Filho de Deus, sua encarnação. Revisitaram as Escrituras em busca de respostas a essas ameaças à fé cristã. Gl 4,4 foi um dos textos bíblicos usados para fundamentar a real humanidade de Jesus. Viram que sua interpretação era cristológica, mas que era inegável que tocava, igualmente, a mariologia.

Dentre essas correntes teológicas que comprometiam a real encarnação do Filho de Deus estão o gnosticismo e o docetismo. O nestorianismo também necessitou de respostas, levando, inclusive, a Igreja a convocar um Concílio. Nestório tinha dificuldades de aceitar a doutrina da *communicatio idiomatum*, negando, por conseguinte, o título *Theotókos* (Θεοτόκος/Mãe de Deus) atribuído à Virgem Maria, confirmado e afirmado pelo Concílio de Éfeso (431 d.C.). Maria não é apenas Mãe do Cristo-Homem, como pregava Nestório, que aceitava a doutrina segundo a qual Maria seria *Christotókos* (Χριστοτόκος/Mãe do Cristo-Deus) no sentido de que ela seria *Antropotókos* (ἄνθρωποτόκος/Mãe do Homem [do Cristo-homem]), mas não no sentido de que ela seria *Theotókos* (Mãe de Deus); para que não pairassem dúvidas, os Padres Conciliares não titubearam em afirmar que Maria é plenamente *Theotókos* (Mãe de Deus), visto que o que ela gera e dela nasce é plenamente homem e plenamente Deus, sem separação alguma. A fundamentação bíblica usada pelos Padres da Igreja demonstra que Gl 4,4 não é um texto periférico à mariologia, mas uma das principais referências para esclarecer os conteúdos da fé cristã.

Ser humano de carne e osso?

Maria é a prova concreta da verdadeira humanidade de Jesus. Nela, o Filho de Deus, de condição divina, assumiu a condição humana (Fl 2,6-7). Enquanto filho de Maria, Jesus tem "em

comum carne e sangue" (Hb 2,14).

Nos primeiros séculos da era cristã, os cristãos se depararam com uma doutrina, de vertente gnóstica, que negava a humanidade real de Jesus. Trata-se do docetismo. Para os docetas, Jesus tinha apenas aparência humana, mas não era humano, tão somente um homem espiritual. "Os gnósticos afirmavam, pois, que Cristo não tomou nada da virgem: rejeitou a herança da carne e a semelhança com o primeiro Adão" (Paredes, 2011, p. 237).

Os gnósticos tinham uma certa aversão à matéria, à carne, ao mundo criado. Para eles, a materialidade era má e o ser humano precisaria se afastar dela para alcançar o conhecimento e a vida plena, o que lhes resultaria impossível na materialidade da vida. A essência da existência humana seria tão somente a sua alma e a vida espiritual. Os gnósticos, de ontem e de hoje, "concebem uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada numa enciclopédia de abstrações" (GE, n. 37). Portanto, para os gnósticos, seria inadmissível que uma divindade se aproximasse tanto da matéria a ponto de assumir plenamente a condição corporal da existência humana.

Em resposta aos gnósticos docetas, levantaram-se as vozes dos Padres da Igreja. Eles recorreram à Escritura com a finalidade de confirmar a humanidade concreta, não aparente, do Filho de Deus. "Os Santos Padres, como Sto. Atanásio, Sto. Inácio de Antioquia e Sto. Irineu, fazem notar que as Escrituras (Lc 1,35; Gl 4,4) e os Credos professam que Jesus nasceu *de* Maria e não *em* Maria ou *por* Maria" (Boff, 2011, p. 15). O texto de Gl 4,4 torna-se uma citação indispensável. Paulo diz que Jesus "nasceu de mulher", não "através de mulher". O Filho de Deus não atravessou simplesmente o ventre de Maria, reportando a uma gravidez de aparência. Maria deu à luz o Filho de Deus em carne e osso. "A veracidade da encarnação é garantida, no caso, pelas frases 'nascido de mulher' e 'nascido sob a Lei'" (Serra, 1995b, p. 776). Com a encarnação de seu Filho, Deus confirma a bondade da criação, da carne, do corpo, do mundo.

Irineu de Lião (2009, III, 22,1), em resposta aos que negavam a real encarnação do Filho de Deus, nascido de Maria, afirma:

Erram, portanto, os que sustentam que o Cristo nada recebeu da Virgem, para poder rejeitar a herança da carne. [...] se não recebeu de nenhum ser humano a substância da sua carne, ele não se fez homem, nem Filho do homem. E se não se fez o que nós éramos, não tinha importância nem valor o que ele sofreu e padeceu.

Ele recorre ao texto de Gl 4,4 para refutar seus adversários gnósticos: "Por seu lado, o Apóstolo Paulo, na carta aos Gálatas, disse abertamente: 'Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher'" (Irineu de Lião, 2009, III, 22,1). O que estava em jogo era a salvação alcançada por Cristo:

Pois bem, negar o *ex Maria* era para Irineu acusar de incoerência (*inconstans artificium videbitur*) ao Artífice do mundo. Se o Verbo não se tivesse feito realmente homem, todo o sistema da redenção cairia por terra: não teria padecido nem sofrido. O texto de Gl 4,4 ("Deus enviou seu Filho, nascido de mulher") é para Irineu a ratificação de tudo o que a Igreja confessa (Paredes, 2011, p. 237).

Theotókos, a Mãe de Deus (Éfeso, em 431)

A liturgia da Igreja, na Solenidade da Santa Mãe de Deus, indica como segunda leitura da Liturgia da Palavra o texto de Gl 4,4-7. A maternidade de Maria é celebrada como conclusão da Oitava do Natal, recordando, por conseguinte, o mistério da encarnação do Filho de Deus.

Ao proclamar Maria como Mãe de Deus (*Theotókos*), no Concílio de Éfeso, em 431, a Igreja responde ao nestorianismo. Nestório não concebia a ideia da comunicação de idiomas, isto é, a comunicação entre as propriedades divinas e humanas na única pessoa do Verbo. Os argumentos de Nestório levavam a ver em Jesus dois

sujeitos distintos: o Filho de Deus e o filho de Maria¹⁰. "Seguindo o parecer de Cirilo de Alexandria, o Concílio reafirma a unidade da pessoa de Jesus. Em Cristo, há uma comunicação tão grande entre o humano e o divino que as realidades profundas vividas por Jesus de Nazaré tocam a sua divindade" (Murad, 2012, p. 137).

Novamente, o texto de Gl 4,4 é apresentado para responder ao nestorianismo e a outras correntes cristãs que buscam negar a real maternidade de Maria. Mesmo não falando da concepção virginal de Maria, Paulo, ao declarar que "Deus enviou seu filho, nascido de mulher" (Gl 4,4), afirma, destarte, que o Filho de Deus nasceu, realmente, de uma mãe humana. A maternidade divina fica implícita no texto paulino.

A Virgem Maria não foi uma "barriga de aluguel" (Paredes, 2011, p. 324) nem uma "incubadora humana". Para Inácio de Antioquia (2008b, *Aos Esmirniotas* 1,1), o Filho de Deus é "nascido verdadeiramente da virgem", ou seja, ela realmente gerou em seu ventre o Filho de Deus, o que dela nasceu é plenamente Deus e plenamente homem, sem separação alguma. Maria assumiu a maternidade como condição humana de sua existência e como missão que lhe foi confiada da parte de Deus. Não seria justo querer tirar de Maria o dom de sua maternidade. "Nascido de mulher" justifica o fato de Jesus ter tido uma mãe humana, que lhe concedeu muito mais do que um abrigo provisório neste mundo. Maria possibilitou ao Filho de Deus experimentar a alegria e a ternura de um afeto materno.

Uma mariologia bíblica elementar

A mariologia bíblica passou por um desenvolvimento gradativo ao longo do processo de redação dos escritos neotestamentários. Quanto mais se foi tomando distância, cronologicamen-

¹⁰ Conforme o Catecismo da Igreja Católica (CIC, n. 466), "a heresia nestoriana via em Cristo uma pessoa humana unida à pessoa divina do Filho de Deus. Diante dela, S. Cirilo de Alexandria e o III Concílio Ecumênico, reunido em Éfeso em 431, confessaram que 'o Verbo, unindo a si em sua pessoa uma carne animada por uma alma racional, se tornou homem'. A humanidade de Cristo não tem outro sujeito senão a pessoa divina do Filho de Deus, que a assumiu e a fez sua desde sua concepção". Segundo González (1990, p. 183-185), Irineu já conhecia uma doutrina semelhante ao nestorianismo, de vertente gnóstica, que levava a ver em Jesus uma dupla personalidade: um Jesus nascido de Maria e outro que veio a ser o Cristo, o ungido pelo Espírito, no momento do batismo. Neste sentido, em sua obra, lê-se: "Com efeito, os apóstolos poderiam ter dito que o Cristo desceu em Jesus, ou o Salvador do alto sobre o da economia, ou aquele que vem das regiões invisíveis no filho do Demiurgo, mas não conheceram nem disseram nada disso; porque se o soubessem eles o diriam. E disseram, de fato, como as coisas eram, isto é, que o Espírito de Deus desceu sobre ele na forma de pomba" (Irineu de Lião, 2009, III, 17,1).

te, do evento histórico de Jesus Cristo, mais se voltou ao passado em busca de informações sobre a sua vida e o seu ministério. O interesse pelas origens de Jesus conduziu os primeiros cristãos à mãe de Jesus. Nesse retorno às origens do Filho de Deus, a mariologia foi crescendo e se aprofundando paulatina e qualitativamente.

[...] tanto na história dos dogmas como na piedade eclesial, a mariologia ganhou um desenvolvimento extraordinário. Nesse impressionante *crescendum*, a Igreja não inventou coisas sobre a Virgem, apenas descobriu dimensões de seu mistério, dimensões que estavam latentes no Depósito da fé (Boff, 2009, p. 18).

Maria é a mulher mais citada no corpo dos Evangelhos. Sua presença é mais destacada nos chamados Evangelhos da Infância (Mt 1-2 e Lc 1-2). Durante o ministério público de Jesus, Maria aparece esporadicamente ou é citada nos debates em torno das origens de Jesus. Fora dos Evangelhos, a mãe de Jesus é mencionada nos Atos dos Apóstolos, enquanto presença junto à comunidade cristã que está nascendo (At 1,12-14; 2,1-4); porém, fora dos Evangelhos e de Atos dos Apóstolos, não apenas em Gl 4,4, mas igualmente em Ap 12, na visão da mulher e do dragão, também há a possibilidade de uma interpretação mariológica do texto.

Marcos menciona Maria em dois momentos, durante o ministério público de Jesus, associada à sua família e à sua cidade de origem, Nazaré (Mc 3,20-21.31-35; 6,1-6). Em Mateus, além dos textos paralelos a Marcos (Mt 12,46-50 e 13,54-58), Maria aparece junto a José nos relatos da infância de Jesus (Mt 1-2) e é apresentada como a mãe virginal do Messias esperado, segundo as Escrituras.

Lucas apresenta Maria como protagonista dos relatos da infância de Jesus (Lc 1-2). Aparece, ainda, em dois pequenos relatos da vida pública de Jesus (Lc 8,19-21 e 11,27-28). É o primeiro escritor a citar palavras de Maria. Lucas é o evangelista que mais oferece informações sobre a mãe de Jesus. Na perspectiva lucana, Maria é modelo de discipulado e seguidora do Cristo. Ela está na origem de Jesus e na origem da Igreja (At 1,14).

João, por sua vez, refere-se à mãe de Jesus em

dois momentos significativos, que estão intimamente ligados: em Caná, onde Jesus realiza seu primeiro sinal (Jo 2,1-12), e junto da cruz, quando se plenifica a entrega de Jesus pela salvação de todos (Jo 19,25-27). Caná abre o início do ministério de Jesus e o Calvário é o ponto culminante de sua missão. A mariologia joanina é profunda e simbólica. Maria é designada como imagem da Igreja-mãe, crente em Jesus Cristo. Ela é a nova mulher, representante do povo fiel.

Todavia, o passo inicial de toda essa trajetória bíblica é dado pelo "apóstolo dos gentios" (Rm 11,13). Paulo lança a base primeira da mariologia, que é desenvolvida, pouco a pouco, pelos outros escritores neotestamentários. Em Gl 4,4, Maria é a mulher que "assegurou a entrada do Cristo na raça humana 'quando chegou a plenitude dos tempos'" (Laurentin, 1965, p. 20).

Conclusão

Quais são as contribuições de Paulo para a teologia marial? Na Carta aos Gálatas, de maneira *indireta*, Paulo alude à pessoa de Maria de Nazaré, sem citar seu nome, sua origem e outras informações mais detalhadas, como fazem os Evangelhos. A mariologia de Paulo é *germinal* (Boff, 2009, p. 39), pois, além de oferecer a primeira referência bíblica à mãe de Jesus, traz, em caráter de germe, os fundamentos das reflexões mariológicas posteriores.

A mariologia paulina é *crístocêntrica*. O Papa Paulo VI, na *Marialis Cultus*, aponta o caráter cristológico do culto mariano: "Na Virgem Maria, de fato, tudo é relativo a Cristo e dependente dele" (Mc 25). De fato, a base crístocêntrica da mariologia é garantida por Paulo.

Basta uma primeira olhada para observar que a escolha de Maria pelo Pai, "na plenitude dos tempos", é contemplada inteiramente a partir dos pontos de vista cristológico ("enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei") e soteriológico ("para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial"). A vocação de Maria não tem como propósito ela mesma, mas Jesus e sua obra (González, 1990, p. 225).

Paulo elabora uma mariologia *prospectiva*. Ele

já traz, implicitamente, respostas para questões teológicas futuras. Os primeiros teólogos da Igreja fizeram uso de Gl 4,4 para refutar certas doutrinas que negavam a encarnação real do Filho de Deus. O que estava em discussão não era um problema propriamente mariológico, mas sim cristológico. Os Padres da Igreja recorreram a Maria para fundamentar a fé cristológica. Com Paulo, a mariologia está profunda e intimamente unida à cristologia mediante o testemunho acerca da maternidade de Maria e sua participação na história da salvação.

Segundo Bruno Forte (1991, p. 47), "a sobriedade da referência paulina à mãe do Senhor se revela, pois, rica de singular densidade". Paulo, em Gl 4,4, ressalta a condição humana de Jesus, "nascido de mulher" (Gl 4,4), e sua inserção na história de Israel, "nascido sob a lei" (Gl 4,4). Maria é, destarte, a mulher judia que mais e melhor colaborou no mistério da encarnação do Filho de Deus: verdadeira "filha de Sião", que se torna verdadeira "Mãe do Senhor", como lhe reconhece e professa Isabel, na visita que Maria lhe faz em seguida à concepção do Filho de Deus (Lc 1,39-56). Neste sentido, como assevera Serra (1995a, p. 201), "o testemunho de Paulo é preciosíssimo: embora sóbrio, declara que a pessoa de Maria está vitalmente vinculada ao projeto salvífico de Deus".

Referências

- AUTRAN, A. M. *Maria na Bíblia*. 4. ed. São Paulo: Ave-Maria, 1998.
- BOFF, C. *Dogmas marianos: síntese catequético-pastoral*. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2011.
- BOFF, C. *Introdução à Mariologia*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOFF, C. *Introdução à Mariologia*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BORG, M. J.; CROSSAN, J. D. *O primeiro Natal: o que podemos aprender com o nascimento de Jesus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BORTOLINI, J. *Literatura paulina: 1 Tessalonicenses, Filipenses, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Romanos, Filêmon, Colossenses, Efésios, 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito*. Aparecida: Santuário, 2019.
- BOVER, J. M. La epístola a los Gálatas: "Carta Magna de la libertad cristiana". *Estudios Eclesiásticos*, ls. I.I, v. 5, n. 18, p. 182-194, 1926.
- BROWN, R. E. *A concepção virginal e a ressurreição corporal de Jesus*. São Paulo: Loyola, 1987.
- BROWN, R. E. *O nascimento do Messias: comentários das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BURGOS NÚÑEZ, M. La Carta a los Gálatas, "Manifiesto" del Cristianismo Paulino. *Communio*, Andaluza, v. 34, n. 1, p. 201-228, 2001.
- CATECISMO da Igreja Católica. Ed. rev. de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Loyola, 1999.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *A Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja: Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja (Capítulo VIII)*. Brasília: CNBB, 2016. COTHENET, E. *São Paulo e o seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- COYLE, K. *Maria tão plena de Deus e tão nossa*. São Paulo: Paulus, 2012.
- FABRIS, R. *Paulo: apóstolo dos gentios*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.
- FIORES, S. *Eis aí tua Mãe: um mês com Maria*. 3. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013.
- FITZMYER, J. A. O nascimento de Jesus nos escritos paulinos. In: BROWN, R. E. et al. (org.). *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 43-60.
- FORTE, B. *Maria, a mulher ícone do mistério: ensaio de mariologia simbólico-narrativa*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica Gaudete et exsultate sobre o chamado à santidade no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2018.
- GONZAGA, W. "Nascido de Mulher" (Gl 4,4). *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 17, n. 53, p. 1194-1216, 2019.
- GONZAGA, W. O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 19-41, 2017.
- GONZAGA, W.; SCHUSTER, N. Gálatas 5,1-6: A vocação para a liberdade. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 53, n. 1, p. 1-12, 2023.
- GONZAGA, W.; SILVA JÚNIOR, M. D. Filipenses 2,5-11: Repensando a apologética cristã para o século XXI a partir da imitatio Christi. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 53, n. 1, p. 1-16, 2023.
- GONZÁLEZ, C. I. *Maria, evangelizada e evangelizadora*. São Paulo: Loyola, 1990.
- HANSEN, G. W. Carta aos Gálatas. In: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. (org.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus: Vida Nova: Loyola, 2008. p. 579-593.
- INÁCIO DE ANTIOQUIA. Aos Efésios. In: PADRES APOSTÓLICOS. *Patrística: padres apostólicos*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008a. p. 81-90.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. Aos Esmirniotas. In: PADRES APOSTÓLICOS. *Patrística: padres apostólicos*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008b. p. 115-120.

IRENEU DE LIÃO. *Contra as heresias: denúncia e refutação da falsa gnose*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

JOÃO CRISÓSTOMO. Comentários sobre a Carta aos Gálatas. In: JOÃO CRISÓSTOMO. *Comentário às Cartas de São Paulo/1: homilias sobre a Carta aos Romanos; comentários sobre a Carta aos Gálatas; homilias sobre a Carta aos Efésios*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 535-660.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Mater sobre a bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho*. Brasília: CNBB, 2016.

JUSTINO DE ROMA. I Apologia. In: JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias: diálogo com Trifão*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 19-86.

LAURENTIN, R. *Breve tratado de teologia mariana*. Petrópolis: Vozes, 1965.

MARÍN, F. (Gal) Evangelio de la libertad. *EstE*. [s. l.], v. 54, p. 43-68, 1979.

MURAD, A. *Maria, toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia*. São Paulo: Paulinas; Aparecida: Santuário, 2012.

MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo: biografia crítica*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004.

PAREDES, J. C. R. G. *Mariologia: síntese bíblica, histórica e sistemática*. São Paulo: Ave-Maria, 2011.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Marialis Cultus para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à bem-aventurada Virgem Maria*. Brasília: CNBB, 2016.

PERROT, C. *As narrativas da infância de Jesus: Mateus 1-2 – Lucas 1-2*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

RATZINGER, J. *A filha de Sião: a devoção mariana na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2013.

RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré: a infância de Jesus*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

REIMER, I. R. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres: textos, interpretações e história*. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: CEBl, 2013.

SERRA, A. Bíblia. In: FIORES, S.; MEO, S. (dir.). *Dicionário de mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995a. p. 200-261.

SERRA, A. Mãe de Deus: fundamentos bíblicos. In: FIORES, S.; MEO, S. (dir.). *Dicionário de mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995b. p. 776-780.

SERRA, A. Virgem: testemunho bíblico. In: FIORES, S.; MEO, S. (dir.). *Dicionário de mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995c. p. 1305-1328.

Waldecir Gonzaga

Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Criador e líder do Grupo de Estudo Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq. Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università Gregoriana, Itália. Pós-Doutor pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE).

Wellington Cristiano da Silva

Doutorando e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Endereço para correspondência

WALDECIR GONZAGA

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Teologia
Rua Marquês de São Vicente, 225
Gávea, 22451900
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

WELLINGTON CRISTIANO DA SILVA

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Escola de Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Av. Ipiranga, 6681
Partenon, 90619900
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.